

## Metáforas da favela: um estudo sociocognitivo da criação léxico-semântica do Complexo da Maré (RJ)

*Favela Metaphors: A Sociocognitive Study of the Lexical-Semantic Creation in the Maré Complex (RJ)*

Davidson Martins Viana Alves\*  
Universidade Federal da Bahia  
Salvador, Bahia, Brasil

**RESUMO:** Apresenta-se, neste estudo, uma análise sobre os processos de conceptualização metafórica na variedade linguística popular das favelas, com ênfase em uma abordagem sociocognitiva da linguagem. A investigação parte de dados empíricos obtidos por meio da observação-participante do pesquisador em campo e de registros reais provenientes da mídia comunitária, especialmente das edições do *Jornal Maré de Notícias*, periódico de ampla circulação no Complexo de Favelas da Maré (Rio de Janeiro), com mais de treze anos de existência. A pesquisa ancora-se em referenciais teóricos como Biderman (1967), ao reconhecer o falante como agente ativo nas transformações lexicais, e Lakoff e Johnson (2002[1980]), cuja Teoria da Metáfora Conceptual compreende a linguagem como manifestação do sistema conceptual humano, estruturado por mecanismos cognitivos que refletem experiências sociais, identitárias e imaginativas. Foram identificadas diversas metáforas que expressam modos de pensar e sentir o espaço social da favela, como “Favela é Guerra”, que traduz o imaginário bélico construído historicamente pela sociedade, e “Favela é Resistência”, que ressignifica o território como *locus* de enfrentamento e continuidade histórica das lutas de corpos negros, dos quilombos às periferias contemporâneas. A partir dessa perspectiva, o trabalho propõe uma renovação epistemológica nos estudos linguísticos, ao integrar cognição, sociedade e linguagem na análise do léxico popular. Em curto prazo, este artigo contribui para o mapeamento de uma variedade linguística pouco observada e, em longo prazo, oferece subsídios à formação docente, incentivando uma visão crítica e consciente da diversidade cognitiva e sociocultural da língua portuguesa.

**Palavras-chave:** Cognição e Sociedade. Metáfora Conceptual. Variação Linguística. Léxico Popular. Favelas.

**ABSTRACT:** This study presents an analysis of metaphorical conceptualization processes in the popular linguistic variety of favelas, emphasizing a sociocognitive approach to language. The investigation is based on empirical data collected through the researcher’s participant observation in the field, as well as real records from community media sources, particularly from issues of *Jornal Maré de Notícias*—a well-established local newspaper with over thirteen years of circulation in the Maré Favela Complex (Rio de Janeiro). The research is grounded in theoretical frameworks such as Biderman (1967), who recognizes speakers as active agents in lexical transformations, and Lakoff and Johnson (2002[1980]), whose Conceptual Metaphor Theory understands language as an expression of the human conceptual system, shaped by cognitive mechanisms that reflect social, identity-based, and imaginative experiences. Several metaphors were identified that express ways of thinking and feeling about the favela’s social space, such as “Favela is War,” which conveys the historically constructed warlike imagery of these territories, and “Favela is Resistance,” which redefines the territory as a locus of struggle and historical continuity of Black bodies’ resistance, from the quilombos to contemporary urban peripheries. From this perspective, the study proposes an epistemological renewal in linguistic research, by integrating cognition, society, and language in the analysis of popular lexicon. In the short term, this article contributes to the mapping of a little-studied linguistic variety, and in the long term, it provides support for

\*Professor do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia – UFBA, Campus Ondina, Salvador/BA. Doutor em Línguas e Culturas em Contato pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Mestre em Linguística pela Universidade Federal Fluminense – UFF e especialista (pós *lato sensu*) em Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ e em História Africana e Afro-brasileira pelo Instituto Federal do Rio de Janeiro - IFRJ. E-mail: davidsonalves@ufba.br.

teacher education, promoting a critical and conscious understanding of the cognitive and sociocultural diversity of the Portuguese language.

**Keywords:** Cognition and Society. Conceptual Metaphor. Linguistic Variation. Popular Lexicon. Favelas.

## INTRODUÇÃO

Apresenta-se, neste artigo, um estudo inicial acerca da conceptualização de termos metafóricos encontrados na variedade linguística popular de favelas, especificamente ao analisar dados empíricos da observação-participante do pesquisador, em seu trabalho de campo, e outros dados reais da mídia impressa da comunidade do Complexo de Favelas da Maré (Rio de Janeiro). Para esta pesquisa, a propósito, foram analisados cerca de 133 exemplares do Jornal Maré de Notícias (<https://www.redesdamare.org.br/br/publicacoes> e <https://mareonline.com.br/>), produção impressa consolidada na região, com mais de 15 anos de existência.

A partir desta observação, foram levantadas diversas metáforas relacionadas ao conceito de Favela, desde a metáfora “Favela é Guerra” – aludindo ao imaginário social coletivo da sociedade brasileira, que instituiu essas regiões periféricas como territórios bélicos – a “Favela é Resistência”, que, na contrapartida da metáfora anterior, retoma concepções históricas de que o povo marginalizado pela sociedade permanece resistindo às amarras do sistema, desde os quilombos no sistema escravocrata antigo às grandes periferias no sistema escravocrata atual. Entre essas duas metáforas citadas, ainda há “Favela é Sonho” e “Favela é Cultura”, em que este espaço tão importante na constituição da sociedade brasileira, além de ser considerado um território de conflito histórico e violência estrutural (Guerra) e *locus* de resistência cultural e política (Resistência), também assume instâncias semântico-discursivas de um campo de imaginação coletiva e reinvenção do futuro (Sonho) e de um ambiente de produção simbólica e afirmação identitária a partir da alteridade (Cultura).

Assim, o presente artigo investiga as relações entre cognição, linguagem e sociedade por meio da análise das metáforas linguísticas produzidas nas favelas do Complexo da Maré, compreendendo-as como expressões simbólicas da experiência coletiva e da corporeidade dos sujeitos que habitam esses espaços. A partir de uma perspectiva sociocognitiva, entende-se que a linguagem não é um simples instrumento de comunicação, mas um reflexo do modo como o ser humano organiza e interpreta o mundo. Assim, as metáforas conceituais emergem como mecanismos cognitivos que revelam a forma pela qual os moradores da Maré constroem sentidos sobre si mesmos, sobre seu território e sobre as relações sociais que os atravessam. Ao observar as estruturas léxico-semânticas desse fenômeno, busca-se compreender como os processos mentais e corporificados moldam a produção linguística e, ao mesmo tempo, traduzem práticas culturais e modos de resistência.

Nesse sentido, o estudo propõe uma reflexão crítica que ultrapassa os limites da linguística tradicional e se insere em um movimento de renovação epistemológica dentro das ciências da linguagem. Ao relacionar conceitos sócio-históricos com propriedades linguístico-gramaticais, a pesquisa evidencia que as favelas são também espaços de produção de conhecimento e criatividade linguística, desafiando as visões preconceituosas que historicamente as marginalizaram. Mais do que descrever um léxico periférico, o

artigo pretende romper com a hegemonia das variedades de prestígio e revelar que as metáforas oriundas das margens são igualmente complexas e cognitivamente sofisticadas. Assim, a investigação reafirma que compreender a linguagem das favelas é compreender um modo particular de pensar, sentir e existir no mundo, um ato de resistência negro-científica frente à exclusão histórica.

A propósito, faz-se importante conhecer a confluência de comunidades investigadas. A Maré é um complexo de 16 favelas da região entre a Baía de Guanabara e a Avenida Brasil, sendo cortada pelas linhas amarela e vermelha. Nessa localidade, que possui cerca de 140 mil moradores (Censo 2019 Redes da Maré), possui uma vegetação de manguezal, o que caracterizou em sua história a massiva construção de palafitas como moradia, mas que ao passar do tempo, com as doações de entulhos de rejeitos de obras das vias mencionadas acima, houve um aterramento na região em que sofriam os efeitos da maré.

A saber, de acordo com o Censo Populacional da Maré de 2019, a configuração territorial das 16 favelas que compõem este grande complexo são:

- (1) Morro do Timbau (criado em 1940, ocupação espontânea);
- (2) Baixa do Sapateiro (1947, ocupação espontânea);
- (3) Conjunto Marcílio Dias (1948, ocupação espontânea);
- (4) Comunidade Parque Maré (1953, ocupação espontânea);
- (5) Parque Rubens Vaz (1954, ocupação espontânea);
- (6) Parque Roquete Pinto (1955, ocupação espontânea);
- (7) Parque União (1961, ocupação espontânea);
- (8) Nova Holanda (1962, intervenção pública governo estadual, Programa COHAB);
- (9) Praia de Ramos (1962 intervenção pública governo estadual, Programa COHAB);
- (10) Conjunto Esperança (1982 intervenção pública governo federal, Projeto Rio);
- (11) Vila do João (1982, intervenção pública governo federal, Projeto Rio);
- (12) Vila do Pinheiro (1983, intervenção pública governo federal, Projeto Rio);
- (13) Conjunto Habitacional dos Pinheiros (1983, intervenção pública gov. estadual, Projeto Rio);
- (14) Conjunto Bento Ribeiro Dantas (1992, interv. pública gov. municipal, Projeto Morar s/ Risco);
- (15) Nova Maré (1996, intervenção pública gov. municipal, Projeto Morar sem Risco);
- (16) Conjunto Novo Pinheiro (Salsa e Merengue) (2000, intervenção pública governo municipal, Projeto Morar sem Risco).

A história dessas 16 favelas que compõem o Complexo da Maré está profundamente entrelaçada aos processos estruturais de formação da sociedade brasileira no pós-abolição, marcados pela exclusão sistemática da população negra dos direitos à terra, à moradia e à cidadania plena. A ocupação inicial do território, a partir da década de 1940, por meio de assentamentos espontâneos como o Morro do Timbau, a Baixa do Sapateiro e o Parque União, reflete diretamente a herança da escravidão e a ausência de políticas públicas voltadas à integração social dos descendentes de pessoas escravizadas. Assim como ocorreu historicamente com os quilombos, esses espaços foram constituídos

por sujeitos expulsos dos circuitos formais da cidade, sobretudo trabalhadores negros, migrantes nordestinos e populações empobrecidas, que encontraram na autoconstrução coletiva uma estratégia de sobrevivência e permanência urbana.

As intervenções estatais posteriores, como os projetos da COHAB, do Projeto Rio e do Morar sem Risco, embora tenham ampliado o acesso à habitação, também evidenciam a lógica ambígua do poder público, ora ausente, ora interventor, muitas vezes sem diálogo efetivo com os moradores e suas formas históricas de organização comunitária. Na atualidade, indicadores sociais revelam taxas elevadas de informalidade no trabalho, baixos rendimentos médios e déficits históricos no acesso a serviços públicos de qualidade, especialmente nas áreas de saúde, saneamento e segurança. Ainda assim, a Maré, com 140 mil habitantes, se consolida como um dos mais potentes territórios de resistência negra urbana no Brasil, com intensa produção epistêmica. Ontem, como hoje, a favela emerge não apenas como resposta à exclusão estrutural, mas como espaço de reinvenção da vida, onde a memória da escravidão se transforma em força coletiva, afirmando a favela como lugar de resistência, de sonho e de cultura negra no cenário urbano brasileiro.

Sobre o Jornal “Maré de Notícias”, vale ressaltar que sua criação se deu em 2009 e que na comemoração de seus 10 anos de existência houve o lançamento de edição de número 100, com tiragem de 50 mil exemplares. O jornal é distribuído mensalmente, de porta em porta, nas 16 favelas que fazem parte da Maré. Nele encontram-se as principais notícias e acontecimentos que dialogam com a realidade da comunidade e de seu entorno. Em 2017, o jornal ganhou a versão online com produção de conteúdo diário com as temáticas já abordadas no impresso, promovendo cidadania e sendo instrumento de desenvolvimento sustentável da Maré, em áreas como saúde, meio ambiente, mobilidade urbana, direitos humanos, segurança pública, economia e comportamento.

Segundo o editorial disponível no site do jornal, o *Maré de Notícias* tem como propósito consolidar-se como um referencial em comunicação comunitária, direcionado tanto aos moradores das dezesseis favelas que compõem o Complexo da Maré quanto às instituições públicas e privadas. O veículo busca construir e divulgar novas narrativas que ampliem as formas de ver e compreender as populações das favelas e periferias, contribuindo para a garantia e promoção de direitos básicos e fundamentais desses grupos sociais.

Além disso, o jornal tem como missão produzir e compartilhar conteúdos que valorizem a voz e o protagonismo dos moradores, reconhecendo suas potencialidades e experiências. Seu objetivo central é contrapor as imagens negativas e estigmatizadas frequentemente reproduzidas pela mídia tradicional, oferecendo informação de qualidade e de linguagem acessível, que incentive a reflexão crítica e o exercício da cidadania. A longo prazo, o periódico pretende estimular ações transformadoras capazes de gerar impactos positivos e duradouros na qualidade de vida dos habitantes da Maré.

Sendo assim, depois de entender toda conjuntura político-geo-demográfica da região investigada, bem como alguns aspectos metodológicos da pesquisa, avança-se para a delimitação do tema analisado.

## **1 DELIMITAÇÃO DO TEMA**

Não se estuda nem se documenta substancialmente uma língua descrevendo apenas seu sistema intralinguístico e os aspectos gramaticais de análise, porque uma língua não existe por si só, não é autossuficiente, não subsiste, nem é homogênea. As línguas não existem sem seus falantes, que possuem a missão de vivificar e preservar os usos linguísticos, portanto é de suma importância que as pesquisas linguísticas versem sobre os sujeitos, seus costumes, suas experiências e sua realidade psicológica. Institui-se, então, que a Linguística compõe o rol dos estudos sociais e que somente na interrelação e no contato profícuo entre as ciências dessa área que o conhecimento humano se materializa, se consolida e se renova.

Há muitos trabalhos de descrição linguística sobre a realidade dialetal do Rio de Janeiro, haja vista os grandes trabalhos do ALiB (Atlas Linguístico do Brasil). Desde o *linguajar carioca*, de 1953, de Antenor Nascentes, que apresentou a grande dificuldade que havia na divisão do Brasil em áreas linguísticas pela “falta de determinação de isoglossas” (p. 20). No entanto, há poucos trabalhos que levam em conta o contato inter e intradialetal desse estado (Rio de Janeiro), sobretudo de suas regiões periféricas, no caso desta pesquisa, favelas do eixo urbano da capital do Estado. Como propõe Alves (2025b), quase não se encontram, na historiografia bibliográfica desses estudos, trabalhos que versem sobre a realidade linguística do Brasil em contato com variedades de uma língua portuguesa negra, existente em diversas partes do estado, como em terreiros de candomblé, comunidades quilombolas e outros territórios negros como as favelas.

A partir disso, nesse vazio de estudo científico é que se deseja observar, desbravar, descrever, analisar e divulgar este estudo. Baseando-se em Spivak (2010, 86), que diz “devemos acolher também toda recuperação de informação em áreas silenciadas, como está ocorrendo na antropologia, na ciência política, na história e na sociologia”, este trabalho busca colaborar para a inserção da Linguística nesse rol de ciências que são, de fato, humanizadas e conscientes racialmente. Esta pesquisa configura-se como uma voz de dentro dessas comunidades negras tradicionais, que foram e são silenciadas historicamente, sobretudo na academia, pois sim pode o “subalterno”. Ademais, este artigo – guiado pelo cumprimento e difusão da Lei nº 10.639/03 (BRASIL, 2003), que torna obrigatório o ensino da História e Cultura da África e Afrobrasileira nas escolas, em todas as disciplinas da educação básica - objetiva ser referência para a promoção, o fomento e a preservação das manifestações culturais negras.

Nesta perspectiva, parte-se para a análise linguística e procura-se compreender como se dá o processo de criação lexical de uma língua e sua reverberação semântica. Ou seja, indaga-se se, de fato, o léxico é “patrimônio da comunidade linguística”, como declarou a grande lexicóloga Maria Tereza Biderman, em seu estudo de 1978, e se seus usuários são os únicos responsáveis por todas as suas transformações. Sabe-se bem que os usuários de uma língua criam novas palavras, que mantêm palavras já existentes e que, por vezes, alteram a sua significação. No entanto, deve-se entender que o meio, os fatores extralinguísticos, é a principal força motriz da criação lexical e da mudança semântica. O léxico pode corresponder ao inventário dos itens linguísticos com que se expressam categorias gramaticais e subcategorias cognitivas, mas é através e a partir da semântica que

ele se consolida substancialmente. Assim, postula-se que não há a possibilidade de se analisar o léxico sem o aporte semântico.

Desse modo, para fechar esta seção, apontam-se alguns conceitos da linguística cognitiva, ramo da ciência da linguagem que possui bastante fluidez entre os estudos lexicais e semânticos, das palavras, termos e expressões como o conceito de cognição, espaço mental e, de certa maneira, de discurso. Metáfora é o conceito principal e mesclagem o secundário. Segundo Lakoff & Johnson (2002 [1980]), pode-se entender que a metáfora aciona mesclas, desempenhando papel fundamental na mente humana, que é corporificada. Mescla seria a entidade, a categoria ou membro mais prototípico de uma categoria e, ainda, a responsável por construir a mesclagem conceptual, que é uma operação mental básica que determina a construção do significado. Ademais, este trabalho avança na discussão teórica ao partir de uma das bases da linguística cognitiva (Sweetser, 1990; Croft e Cruse, 2008; Kövecses, 2017) e se aliar a debates contemporâneos (Moura, 2005; Almeida, 2023) que reconhecem a metáfora não apenas como recurso estilístico, mas como operador conceitual de forte carga epistêmica e política. Logo, compreende-se as metáforas propostas não apenas como efeitos de linguagem, mas como esquemas que organizam a experiência e estruturam modos de existência e resistência, aproximando-se a uma perspectiva que articula cognição, discurso e historicidade.

Após essa breve delimitação temática, ao compreender os aspectos socio-históricos e linguístico-gramaticais desta pesquisa, parte-se para conhecer o desenho metodológico da pesquisa deste artigo, mencionando o modo com que os dados científicos foram obtidos e analisados, desde o viés prático de observação ao olhar teórico que o embasará.

## 2 METODOLOGIA

Esta pesquisa pode ser considerada qualitativa e de base autoetnográfica (Alves, 2025a), pois as metáforas sobre a Favela foram analisadas através do Jornal “Maré de Notícias”, 133 exemplares, de 2009 a 2022, juntamente com a observação-participante do pesquisador, que é morador da localidade em questão e, por isso, vivencia de fato esta realidade. O trabalho surge a partir da experiência pessoal do pesquisador, em contato com a diversidade cultural, étnica e linguística dos territórios negros (favelas, comunidades quilombolas e terreiros de candomblé) que convive há muitos anos, desde sua infância. Desse modo, sabendo que o conjunto de técnicas de coleta e de análise de dados se molda a partir dos objetivos específicos de cada pesquisa, esta pesquisa pode ser caracterizada de cunho etnográfico, com análise documental e de descrição linguística, com ênfase no nível lexical.

A metodologia se baseia, principalmente, na interpretação da pesquisa de campo, através do método de observação-participante e da abordagem hipotético-dedutivo, em que coleta e analisa informações diversas em todos os ambientes possíveis de interação da comunidade investigada. No caso em questão, desde a possibilidade e permissão de transitar nos espaços investigados, por ser morador, até a função de poder estudar, pesquisar e registrar dados da vivência de habitantes das comunidades, prática que é considerada restrita a visitantes curiosos. Ao buscar um caráter de confiabilidade (rigor técnico e teórico-metodológico) e de representatividade (dados primários e secundários

que representam e identificam o português e suas variedades culta e popular nas comunidades linguísticas analisadas), para a pesquisa qualitativa se propõem as seguintes etapas:

- Delimitação geográfica e demográfica das comunidades de práticas investigadas: Complexo de 16 Favelas da Maré com cerca de 140 mil habitantes.
- Revisão bibliográfica dos estudos sociais e cognitivos da linguagem e do aporte semântico-lexical, compreendendo as proposições teóricas de Biderman (1978), Vilela (1994), Oliveira e Morello (2007), Spivak (2010), Henriques (2018) e Valente (2018).
- Caracterização do *corpus* do trabalho e procedimento de análise das metáforas do Jornal, a partir da pesquisa documental. 133 exemplares impressos e no formato online, publicados desde 2009, há 13 anos, sendo referência midiática da comunidade linguística estudada.

Acredita-se que esses dados possam recolher não só dados das línguas e da variedade linguística em questão, mas, principalmente, informações sobre elas, enfatizando os aspectos históricos, sócio-antropológicos e culturais, as condições de vida e do estado de ser dos participantes da pesquisa.

### **3 REFERENCIAIS TEÓRICOS: um diálogo entre língua, sociedade e cognição**

Desde o início deste trabalho, nota-se o caráter dinâmico e multidisciplinar que possui esta pesquisa. Desde a introdução, busca-se correlacionar os aspectos sociais, históricos, étnicos e culturais da sociedade brasileira com a realidade linguística, discursiva e gramatical da língua portuguesa. Faz-se isso não através de um olhar purista, categórico ou conservador, mas por uma perspectiva condizente com o caráter etnográfico da pesquisa. Por este caminho teórico etnolinguístico, área que surge a partir das relações entre os mecanismos da sociedade, as práticas e ideologias do homem, sua organização em povos, o aporte cultural das comunidades e os aspectos da linguagem, acrescenta-se uma breve discussão teórica sobre a diversidade e heterogeneidade linguística do Brasil.

Sabe-se que este país possui uma dimensão continental, com muitos quilômetros de fronteiras políticas entre quase todos os 12 países da América do Sul, com exceção apenas de Equador e Chile. Desse modo, é totalmente inegável sua realidade de diversidade linguística, que atualmente configura-se de mais de 190 línguas minoritárias (e minorizadas), entre elas indígenas, afro-brasileiras, de imigração, de herança e de fronteira. No entanto, a língua oficial é uma somente, o português, a do colonizador, capaz de concentrar grande parte das atenções de professores, pesquisadores e, inclusive, autoridades. Ignora-se, portanto, existência de comunidades que, embora grande parte fale língua portuguesa, não se desvinculam da língua de seus ascendentes, constituindo, assim, uma situação de bilinguagem.

Além de também não se valorizar de uma maneira válida e respeitosa a única língua que recebeu *status* de oficialidade em todo território nacional, a LIBRAS, não havendo intérpretes nas repartições públicas, nas instituições de ensino, sejam as públicas ou privadas, e sem incentivo a políticas públicas de promoção e fomento desta língua como a formação efetiva de professores e bons intérpretes, práticas que seriam primordiais para nossa população. Leis já existem, desde 2002 (Lei 10436), quando se reconheceu esta

língua como meio legal de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico é de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituindo um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil. No entanto, infelizmente, o que está no papel não se cumpriu até os dias de hoje.

Diante dessa realidade, parece pertinente, portanto, promover a reflexão sobre a política aplicada à diversidade linguística no Brasil, bem como dedicar-se à análise da conduta avaliativa (crenças, atitudes, representações e práticas sociais) dos indivíduos envolvidos nessa realidade linguística de prestígio em oposição ao estigma, do não-marcado em detrimento ao marcado. Reconhecer as verdadeiras causas e as condições em que esse fenômeno se concretiza, deste modo, seria uma contribuição para o objetivo de fortalecer a identidade linguística dessas comunidades, desmistificando-as de crenças que vêm perpassando séculos.

De acordo com Morello e Oliveira (2007), quando se fala em diversidade linguística do Brasil, predominantemente, se pensa na diversidade interna à própria língua portuguesa, o que ocorre, entre outras razões, pelo predomínio, no país, de uma tradição do monolinguismo e de uma política linguística intencionalmente monolinguista. Sem falar que se deve evidenciar e divulgar o que consta na Declaração Universal dos Direitos Linguísticos, segundo a qual a língua de uma comunidade tem direito à presença, integração e manutenção identitárias. Cabe se perguntar quem estabelece o que é língua, o que é dialeto, o que é variedade e o que é nação ou Estado? Esta provocação teórica deve ser discutida em trabalhos futuros.

No que se refere aos estudos teóricos sobre a metáfora, cita-se a visão socio-cognitiva da linguagem, com o intento de resgatar o contexto social e histórico que tornou genuína a criação de manifestações populares, como o samba, pois acredita-se que este patrimônio da cultura brasileira e da humanidade, por exemplo, não deve ser observado de forma descontextualizada e vazia de conteúdo, já que seus elementos constituintes são dotados de conhecimentos que vão além da simples execução corporal de movimentos, que o tornaria uma prática ou apenas um ritmo.

Adota-se como base a teoria da Metáfora Conceptual de Lakoff e Johnson (2002[1980]), pois a partir dela se entende que o sistema conceptual dos seres humanos é pleno de significados que vão do mais simples aos mais complexos e que essas significações são alcançadas, em sua maioria, pelas misturas de conceitos, pois o sistema conceptual humano possui esta capacidade de fazer integrações a partir de mecanismos cognitivos básicos que ocorrem nos mais variados contextos, como a identidade, a integração e a imaginação.

A partir dessa capacidade cognitiva que a mente humana possui, é possível perceber as semelhanças e as diferenças entre os seres e mesclá-los em único conceito, porém o mecanismo de identidade e integração não são suficientes para tornar elucidadas as integrações. Para isso, há outro mecanismo indispensável para a compreensão, a imaginação, pois é através dela que a mente humana cria, imagina novas situações, condições e possibilidades que dependem ou não de estímulos. A associação que os indivíduos fazem entre as entidades diferentes consiste na percepção de valores, papéis e funções similares do que está sendo integrado e é graças ao conhecimento de mundo dos

indivíduos, inseridos em diferentes contextos culturais, sociais, históricos, políticos, situacionais ou discursivos, sejam eles partilhados ou não, que tal interpenetração de conceitos ocorre, reduzindo a uma só concepção.

Para a Linguística Cognitiva, a metáfora desempenha papel fundamental na mente humana, exercendo a função de permitir que o falante conceba uma figura abstrata a partir de suas experiências com entidades ou situações ontológicas mais básicas e concretas. Essa teoria é composta de dois instrumentos: os domínios e as projeções entre eles. Os domínios dividem-se em fonte e alvo. A fonte é aquele mais familiar devido a experiência corpórea, pois as pessoas usam o conhecimento que mais dominam para então aprender novas coisas e o alvo, por sua vez, é o que se deseja compreender através do domínio fonte. Desta forma noções básicas como o amor, a causa, o ódio, o tempo e outras, são compreendidas metaforicamente pela mente humana, já que está é inerentemente corporificada.

Nas metáforas do tipo estrutural como “Discussão é guerra”, subjacente em enunciados como “Jamais ganhei uma discussão com ele” o domínio alvo “discussão” é compreendido pelo domínio fonte “guerra”. O domínio fonte projeta seu elemento no domínio alvo, como se fossem espaços mentais de entradas 1 e 2 que por último projetariam os elementos selecionados parcialmente para o espaço mescla, gerando a estrutura final. De acordo com Almeida (2023, p. 85):

A metáfora, como já visto, implica a existência de domínios postos em relação – um, chamado de domínio-fonte – mais próximo da experiência físico-material, mais concreto e conhecido –, e outro, denominado domínio-alvo –, mais próximo da experiência psíquico-emocional, mais abstrato e desconhecido. O primeiro é a origem da estrutura conceptual que é parcialmente mapeada para o segundo. Os domínios podem ser entendidos como frames; assim, essas duas estruturas de conhecimento podem ser tomadas uma pela outra, como destacam Croft e Cruse (2008). No entanto, Kövecses (2017) propõe diferenciá-las, considerando que as primeiras são mais esquemáticas do que as segundas, pois essas últimas envolvem mais informações conceptualmente específicas (ALMEIDA, 2020). É, então, possível afirmar que os domínios são esquematizações da experiência armazenadas na memória e que unem, em rede, diferentes conceitos relacionados, os frames e os seus elementos. A metáfora, por exemplo, FUTEBOL É GUERRA, tem um domínio-fonte que se constitui por diferentes frames, como INIMIGO (“PVC crava Flamengo favorito em final da Copa do Brasil, mas aponta principal inimigo do clube”), ARMA (“Análise: “estilo Aguirre” vira arma do adversário [...]”), VITÓRIA e AÇÃO BÉLICA (“A conquista [...] animou os argentinos na luta pelo tricampeonato da Copa do Mundo”). Esses frames juntos possibilitam pensaragir/falar-escrever sobre o futebol em termos bélicos. (Almeida, 2023, p. 85).

Esta citação dialoga de modo particularmente produtivo com os parágrafos anteriores, na medida em que consolida, em termos teórico-analíticos, a compreensão da metáfora como um mecanismo cognitivo e sociocultural central para a construção de sentidos em contextos marcados por assimetrias de poder, estigmatização e resistência simbólica. Ao explicitar a relação entre domínios, frames e projeções parciais, a autora

oferece um instrumental conceitual que permite compreender como determinadas experiências sociais são organizadas, naturalizadas ou disputadas no plano discursivo.

No contexto do artigo sobre as metáforas da favela, essa abordagem revela-se especialmente fecunda. Assim como no exemplo FUTEBOL É GUERRA, em que o domínio-fonte GUERRA estrutura cognitivamente um campo semântico inteiro por meio de frames como INIMIGO, ARMA, VITÓRIA e AÇÃO BÉLICA, a metáfora FAVELA É GUERRA mobiliza um conjunto recorrente de frames socialmente cristalizados, como CONFLITO, VIOLÊNCIA, INIMIGO, SOBREVIVÊNCIA, TERRITÓRIO, que orientam não apenas o discurso midiático e institucional, mas também políticas públicas, práticas de segurança e representações sociais profundamente assimétricas. Trata-se, portanto, de uma metáfora estrutural que não apenas descreve a favela, mas a produz simbolicamente como espaço de exceção, risco e confronto permanente.

Entretanto, para se ir além da denúncia do efeito estigmatizante dessa metáfora dominante, abre-se espaço para a análise das metáforas concorrentes que emergem a partir da experiência vivida e da agência simbólica dos próprios sujeitos da favela. Metáforas como FAVELA É RESISTÊNCIA, FAVELA É SONHO e FAVELA É CULTURA ativam outros domínios-fonte e outros frames, como LUTA COLETIVA, CRIATIVIDADE, MEMÓRIA, AFETO, ANCESTRALIDADE, ARTE, que reconfiguram o domínio-alvo “favela” a partir de valores positivos, contra-hegemônicos e identitários. Essas metáforas não anulam a dimensão do conflito, mas a ressignificam, deslocando o foco da violência para a capacidade de criação, de sobrevivência e de produção cultural.

Nesse sentido, a metáfora conceitual, entendida como esquematização da experiência armazenada na memória e organizada em redes de frames, evidencia seu caráter profundamente político. As escolhas metafóricas que recaem sobre a favela não são neutras: elas refletem crenças, atitudes e representações socialmente partilhadas, tal como discutido nos parágrafos iniciais do texto acerca da diversidade linguística, do prestígio e do estigma. Ao analisar as metáforas da favela, o artigo contribui, portanto, para desnaturalizar regimes discursivos que historicamente marginalizam essas comunidades e, simultaneamente, para fortalecer identidades linguísticas e culturais que se afirmam por meio da linguagem. Essa pluralidade metafórica reforça a ideia de que compreender a favela exige reconhecer os conflitos simbólicos que atravessam sua nomeação e representação, tarefa que se articula diretamente com o compromisso ético-político de questionar estigmas e valorizar saberes historicamente silenciados.

Nessa perspectiva, ao percorrer os estudos do sentido e do significado de maneira geral e após essa breve, mas pontual introdução sobre os estudos metafóricos, faz-se importante definir alguns conceitos básicos, bem como discuti-los criticamente. De acordo com Henriques (2018, p. 44), “a semântica examina as palavras e locuções empregadas em enunciados para tratar das significações contidas nelas ou a partir delas” e, segundo Valente (2018, p. 170), “a semântica envolve o conhecimento intuitivo do significado das palavras de uma língua, das regras que presidem à construção de predicções e dos mecanismos que garantem a sequencialização de enunciados no plano discursivo-textual”. Portanto, semântica está intimamente relacionado com o léxico e com

o discurso, porque ela se materializa na palavra ou em expressões através do texto como seu instrumento e suporte.

Ainda, nesta seara de definição de termos bases, busca-se entender a diferença entre significado e sentido, a partir de alguns comentários em discussão no livro de Henriques. Como se sabe, quando se muda o contexto cultural de um item linguístico, o sentido dele certamente se modificará, porque há uma rede cognitiva de referência para cada cultura, que podem se inter-relacionar ou não. O sentido é o valor que assume uma certa designação dentro de uma cultura específica e o significado uma categoria linguística, mais propriamente sistêmica. Ou seja, enquanto o significado é uma categoria da linguagem, o sentido é uma categoria do discurso, do nicho cognitivo.

Voltando à conceituação de semântica, cita-se Vilela (1994, p. 9), que reinterpreta a definição tradição da Semântica, no plano específico da Linguística, como ciência ou estudo do significado. Conceitua-se Semântica sob três perspectivas: (1) como o estudo da mudança do significado, (2) como estudo da significação (englobando o processo e o modo de significar) e (3) como o estudo do conteúdo dos signos linguísticos e é nesta terceira perspectiva que se encontra, de fato, a semântica linguística.

Desse modo, caminha-se para os estudos lexicais - haja vista a relação intrínseca entre léxico e semântica, já estabelecida neste trabalho. De início, cita-se Biderman, que afirma:

O Léxico de qualquer língua constitui um vasto universo de limites imprecisos e indefinidos. Abrange todo o universo conceptual dessa língua. Qualquer sistema léxico é a somatória de toda a experiência acumulada de uma sociedade e do acervo da sua cultura através das idades. Os membros dessa sociedade funcionam como sujeitos agentes, no processo de perpetuação e reelaboração contínua do Léxico da sua língua (BIDERMAN, 1978, p. 139).

Esta citação de Biderman destaca a natureza dinâmica e culturalmente enraizada do léxico, compreendendo-o como o reflexo do universo conceptual de uma comunidade linguística. Essa perspectiva dialoga diretamente com a metáfora da favela analisada no presente artigo, na medida em que o léxico produzido nas favelas, especialmente as metáforas linguísticas que emergem do cotidiano da Maré, representa a experiência coletiva e histórica de seus moradores. Ao entender que o vocabulário de uma língua é continuamente reelaborado pelos sujeitos sociais, percebe-se que as metáforas como *“Favela é Guerra”* e *“Favela é Resistência”* não são meras expressões figuradas, mas manifestações cognitivas que condensam formas de pensar, sentir e resistir no contexto periférico.

Nesse sentido, o pensamento de Biderman sustenta a ideia de que o léxico das favelas deve ser reconhecido como parte legítima e fundamental do patrimônio linguístico brasileiro, pois ele traduz não apenas práticas comunicativas, mas também construções cognitivas e simbólicas que emergem de experiências concretas de vida. Assim, ao analisar as metáforas da favela sob uma ótica sociocognitiva, o artigo reafirma que a linguagem é um espaço de disputa e criação de sentido, onde os sujeitos marginalizados atuam como agentes epistemológicos, produzindo saberes e reconstruindo o imaginário social por meio da palavra.

Entende-se, portanto, que o léxico como o acúmulo vocabular de uma comunidade de fala, evidenciando sua riqueza local, que por vezes torna-se global. Pode-se tomar como exemplo a própria comunidade investigada nesta pesquisa, em que seu sistema lexical tem como base a língua portuguesa, mas com significativos traços de línguas originárias, como o aporte africano. O léxico da Maré organiza e classifica dados da realidade de seu meio, que é compartilhado pela população, pelos usuários dessa variedade linguística popular. O mundo que é construído na localidade em questão se renova a partir das alterações que a língua passa, seja através do tempo, do espaço ou de fatores sociais e/ou linguísticos.

Assim, é possível compreender que o sistema lexical dessa variedade linguística pode demonstrar, em diferentes perspectivas, como foi feito o recorte de uma realidade, por meio do qual se pode conhecer o que pensa e como age determinada comunidade. Ainda, pode revelar a soma das experiências de uma sociedade local, ou seja, os usuários da língua fazem uso do léxico, mantendo-o, preservando-o ou o reelaborando a cada uso, fato que provoca movimentos de alteração, expansão e contração do sistema lexical da língua portuguesa.

Segundo Vilela (1994, p. 14) “o léxico é o subsistema da língua mais dinâmico, porque é o elemento mais diretamente chamado a configurar linguisticamente o que há de novo, e por isso é nele que se refletem mais clara e imediatamente todas as mudanças ou inovações políticas, econômicas, sociais, culturais ou científicas”. Esta afirmação reforça a ideia de que o léxico é um espaço vivo e em constante transformação, refletindo de maneira imediata as mudanças que ocorrem no tecido social. Essa concepção se articula diretamente com a metáfora da favela discutida neste artigo, pois evidencia como as transformações sociais, políticas e culturais das comunidades periféricas encontram expressão na linguagem cotidiana. As metáforas produzidas pelos moradores revelam a forma como a língua incorpora e ressignifica as experiências históricas de opressão, exclusão e, sobretudo, de reexistência simbólica.

Sob a ótica sociocognitiva, o dinamismo lexical descrito pelo referido autor demonstra que o léxico não apenas acompanha as mudanças sociais, mas atua como instrumento de construção de novas realidades. No contexto das favelas, o uso metafórico da linguagem torna-se uma forma de agência cognitiva e discursiva, por meio da qual os falantes elaboram sentidos que desafiam estigmas e constroem identidades coletivas. Assim, as inovações linguísticas observadas nas periferias não são marginais ao sistema da língua, mas centrais para compreender os processos de significação e de transformação social que caracterizam a linguagem em sua dimensão humana e cultural.

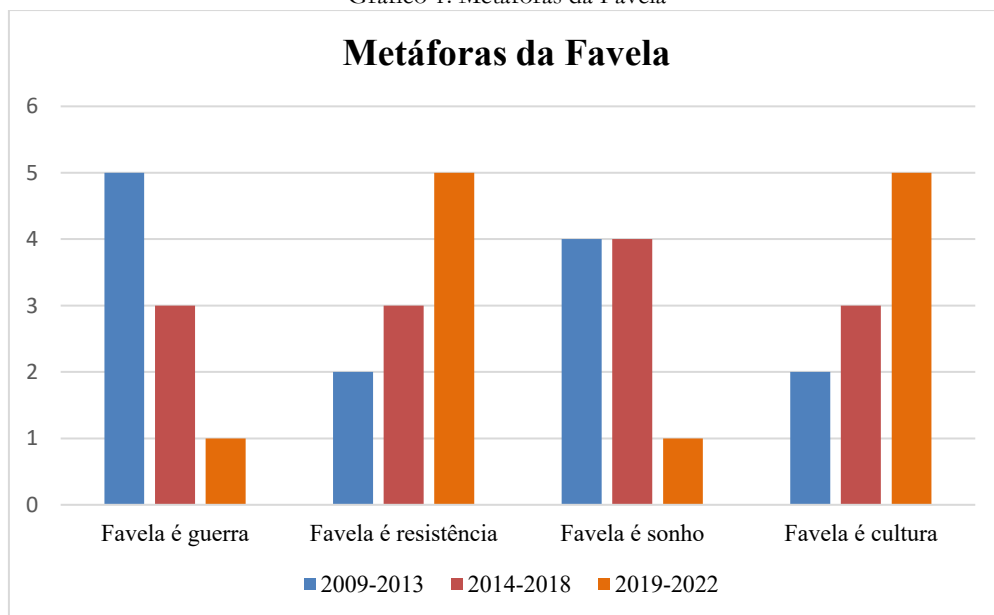
Logo, esta provocante citação suscita uma discussão mais ampla e coaduna com a perspectiva central deste artigo e com o caráter transdisciplinar da investigação em voga. O autor enfatiza bem que um componente da língua, aqui especificamente o léxico, só se configura a partir de elementos extralinguísticos, de fatores externos e que as mudanças de sentido e alterações de significado acompanham as mudanças da sociedade, sejam elas político-econômicas ou cultural-científicas. O léxico é o responsável pelas associações de sentidos entre o mundo real e o imaginado, pelo resgate de valores, pela ampliação e reorganização dos significados. Por isso, por possuir categorias gramaticais tão amalgamadas à sociedade, que o léxico reflete as mudanças dos sistemas sociais em reflexo às mudanças do sistema linguístico.

#### 4 OBSERVAÇÃO DOS DADOS E COMENTÁRIOS ANALÍTICOS

Faz-se essencial iniciar esta seção destacando a perspectiva de Henriques (2018, p. 163), que defende que a aplicação de estudos semânticos a um *corpus* específico constitui uma abordagem altamente produtiva e reveladora para a compreensão de práticas linguísticas complexas. No contexto das comunidades periféricas do Complexo da Maré, esta perspectiva exige mais do que uma simples análise superficial discursiva: requer a imersão profunda na vida cotidiana, nas práticas culturais e nos produtos linguísticos criados pela própria comunidade.

O Jornal “Maré de Notícias” assume-se como um *corpus* privilegiado, pois não apenas registra acontecimentos, mas também produz narrativas que refletem as experiências históricas, sociais e culturais de seus moradores, atuando como veículo de expressão coletiva e de resistência simbólica. Esta abordagem permite compreender a linguagem como um instrumento de cognição social, em que os processos de construção de sentido estão intrinsecamente ligados às experiências vividas, ao corpo e à memória coletiva.

Gráfico 1: Metáforas da Favela



Fonte: elaborado pelo autor (2025)

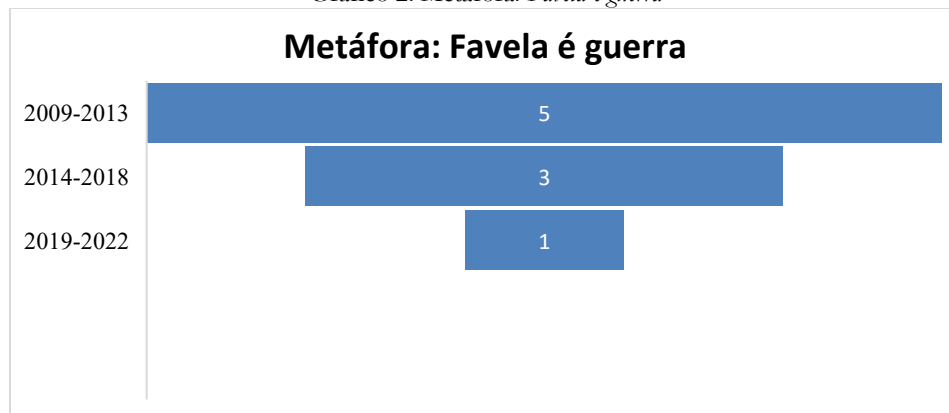
A análise das metáforas encontradas no jornal fundamenta-se na semântica cognitiva e na Teoria da Metáfora Conceptual (Lakoff & Johnson, 2002[1980]), que compreende a metáfora como um mecanismo cognitivo central para a organização do pensamento humano. Nessa perspectiva, metáforas como “*Favela é guerra*”, “*Favela é resistência*”, “*Favela é sonho*” e “*Favela é cultura*” são observadas como projeções cognitivas

em que domínios fonte concretos ou experienciados (como guerra, resistência, sonhos, práticas culturais) estruturam e dão sentido a domínios alvo abstratos, neste caso, o espaço da favela e a experiência de viver em territórios periféricos. Estas metáforas permitem que os moradores da Maré concebam coletivamente seu espaço de vida, seus desafios e suas aspirações, articulando cognição, emoção e corpo.

Como pode-se ver no gráfico 1, a metáfora “*Favela é guerra*”, predominante nos exemplares mais antigos (2009-2013), reflete o histórico de violência estrutural, institucional e cotidiana que atravessa a vida da população periférica. Ela evidencia o impacto do Estado e das políticas públicas excludentes, do racismo estrutural e da marginalização socioeconômica sobre corpos negros e pobres, remontando, simbólica e cognitivamente, às estruturas de dominação herdadas do período colonial e escravocrata.

A presença intensa dessa metáfora nos primeiros anos do jornal, como pode ser visto no gráfico 2, indica a necessidade de denunciar e representar publicamente o contexto de opressão, servindo também como mecanismo de conscientização social. Em termos de linguística cognitiva, o domínio fonte “guerra” projeta atributos como conflito, ameaça e luta para o domínio alvo “favela”, permitindo que a experiência de violência seja cognitivamente organizada e comunicada de maneira compreensível tanto para moradores quanto para o público externo.

Gráfico 2: Metáfora: *Favela é guerra*

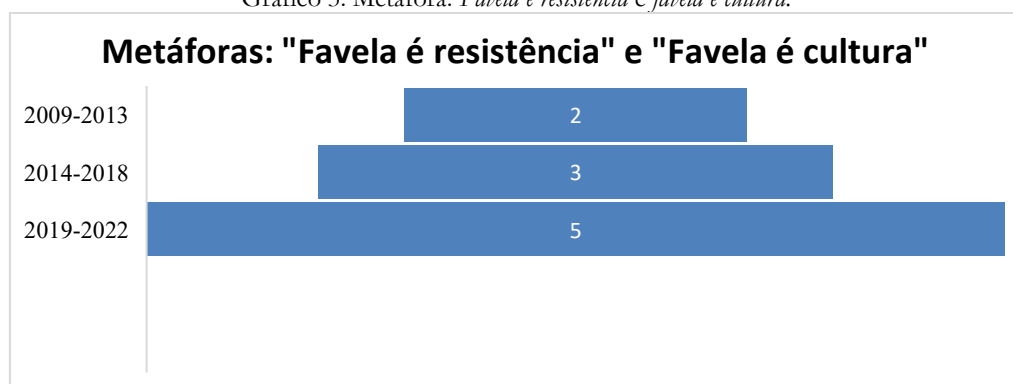


Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

Já as metáforas “*Favela é resistência*” e “*Favela é cultura*”, observadas no gráfico 3, que crescem em frequência nos blocos posteriores (2014-2018 e 2019-2022), ilustram uma transformação simbólica e cognitiva na representação da favela. A resistência não se limita à sobrevivência frente à violência; ela se articula com práticas culturais, educativas e comunitárias que consolidam formas de conhecimento afro-brasileiro, memória histórica e protagonismo social. Exemplos como “*Maré de Notícias arrasta consigo ondas de oportunidades para dar voz a quem, talvez, nunca seria ouvido*” ou “*Memorial Covid acolhe os enlutados por meio da arte*” mostram que a favela se torna um espaço de produção simbólica, de memória

coletiva e de ativação cognitiva, onde os moradores projetam atributos de resiliência, criatividade e solidariedade.

Gráfico 3: Metáfora: *Favela é resistência e favela é cultura.*



Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

A integração da perspectiva afro-brasileira é particularmente relevante aqui, pois reconhece que a população das favelas, historicamente composta majoritariamente por descendentes de africanos escravizados, mantém práticas culturais, linguísticas e cognitivas que refletem formas de resistência histórica, como nos quilombos, e práticas comunitárias contemporâneas. A metáfora da resistência é, portanto, também uma metáfora histórico-cognitiva, que liga o presente da Maré às heranças afro-brasileiras de luta, organização social e criação cultural. Além disso, a metáfora *Favela é cultura* evidencia a centralidade do saber produzido localmente, seja por meio de escolas de arte, cursos profissionalizantes, quadras poliesportivas ou iniciativas de inclusão digital e jurídica, que articulam conhecimento, cognição e território.

Nessa perspectiva, a metáfora *Favela é sonho*, embora presente de forma mais moderada, cumpre papel igualmente crucial. Ela projeta no domínio alvo da favela a experiência do desejo, da imaginação e da utopia, evidenciando que, mesmo em contextos adversos, a população mantém a capacidade de conceber futuros possíveis e de engajar cognitivamente em projetos de transformação social. Exemplos como *Conheça os obstáculos de quem sonha em levar a vida nos gramados* ou *O olhar da infância destaca os sonhos e desejos de pequenos moradores* mostram que a cognição não está limitada à percepção do mundo concreto: ela se expande para o planejamento, para a esperança e para a criação simbólica.

A análise temporal, dividida em três blocos, evidencia o movimento cognitivo e social das metáforas: enquanto a guerra domina os primeiros anos, a cultura e a resistência emergem com mais intensidade nos períodos seguintes, indicando que a comunidade se apropria da linguagem para ressignificar seu espaço e sua experiência, transformando a narrativa social de um lugar estigmatizado em um *locus* de produção de conhecimento, de identidade e de memória. Este movimento também evidencia a função educativa e política da metáfora, em consonância com teorias afrocentradas que reconhecem a produção de saberes como um ato de resistência.

Além desta análise cronológica e do levantamento das metáforas centrais, é possível observar que cada metáfora cumpre funções cognitivas específicas, articulando experiências individuais e coletivas no espaço da favela. A metáfora *Favela é guerra* atua como uma forma de representação conceitual da violência histórica, não apenas física, mas também simbólica e institucional. Essa projeção cognitiva permite que os moradores reconheçam e nomeiem os mecanismos de opressão e exclusão, constituindo uma base para a consciência crítica social. Por outro lado, as metáforas *Favela é resistência* e *Favela é cultura* funcionam como estratégias cognitivas de ressignificação: elas projetam atributos positivos, relacionados à capacidade de ação, criação e preservação da memória cultural afro-brasileira, sobre o território da favela, evidenciando que a experiência periférica não é apenas de ausência ou carência, mas de produção ativa de sentidos e saberes.

A metáfora *Favela é sonho*, ainda que menos recorrente, complementa esse panorama ao conectar a experiência coletiva a processos imaginativos e aspiracionais, fundamentais para o desenvolvimento cognitivo e social da comunidade. Ela representa a capacidade de projetar futuros alternativos e de engajar cognitivamente em metas de transformação social, reforçando a ideia de que os moradores da Maré não apenas reagem à realidade, mas a reconstróem mental e simbolicamente. Em termos de linguística cognitiva, essas projeções metafóricas demonstram como o corpo, a experiência e o ambiente social se combinam para formar estruturas conceituais complexas, que guiam tanto a percepção do mundo quanto as ações coletivas da comunidade.

Quadro 1 – Conceptualização das metáforas da favela: domínios, frames e materialidade linguística do Jornal Maré de notícias.

	METÁFORAS DA FAVELA			
DOMÍNIOS	GUERRA	RESISTÊNCIA	SONHO	CULTURA
FRAMES	Inimigo, Batalha, Conflito, ameaça, risco, disputas de território, sobrevivência.	Luta coletiva, força, permanência, memória histórica e protagonismo.	Desejo, futuro, esperança, imaginação	Arte, saber local, memória, criação.

<b>ELEMENTOS</b>	Estado ausente, punitivo, facções, Operações policiais, confrontos armados, tiroteios, Balas perdidas, mortes, violações de direitos, escolas fechadas	Organização comunitária, mobilização social Resistir apesar da exclusão, Quilombos, voz da comunidade, liderança local	Projetos de vida, aspirações coletivas, transformação social, Utopia; criação de futuros possíveis.	Música, dança, teatro, grafite, conhecimento comunitário, educação popular, narrativas locais.
<b>MATERIALIDADE LINGÜÍSTICA</b>	<p>“Operação policial fecha escolas e postos de saúde”</p> <p>“Moradores vivem mais um dia de guerra”</p> <p>“A Maré amanheceu sob tiroteio”</p> <p>“Balas cruzadas interrompem a rotina”</p>	<p>“Maré de Notícias dá voz a quem nunca foi ouvido”</p> <p>“Moradores se organizam contra a violência”</p> <p>“A favela resiste”</p> <p>“Comunidade unida na luta por direitos”</p>	<p>“Conheça os obstáculos de quem sonha em viver do futebol”</p> <p>“O olhar da infância revela sonhos e desejos”</p> <p>“Jovens da Maré projetam novos futuros”</p>	<p>“Memorial Covid acolhe os enlutados por meio da arte”</p> <p>“Projeto cultural fortalece identidades na Maré”</p> <p>“A favela produz cultura”</p> <p>“Arte como ferramenta de transformação”</p>

Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

A materialidade linguística levantada no Quadro 1 permite observar, com bastante nitidez, como as metáforas conceptuais funcionam como “mecanismos de organização do pensamento” e não como simples ornamento retórico. Isso se torna especialmente evidente quando se toma a proposta sociocognitiva assumida no artigo, que entende as metáforas como expressões simbólicas da experiência coletiva e da corporeidade dos sujeitos, articulando cognição, linguagem e sociedade no interior do próprio jornal comunitário. Nesse horizonte, o *Maré de Notícias* se comporta como um espaço de estabilização e circulação de esquemas conceptuais: as formas linguísticas recorrentes operam como pistas de acesso a domínios, frames e projeções, em consonância com a

ideia de que os domínios são esquematizações da experiência e se organizam em redes de frames, cujos elementos podem ser parcialmente mapeados para um domínio-alvo.

No caso de FAVELA É GUERRA, a materialidade “Operação policial fecha escolas e postos de saúde”, “A Maré amanheceu sob tiroteio” e “Balas cruzadas interrompem a rotina” indica um padrão de mapeamento entre o domínio-fonte GUERRA e o domínio-alvo FAVELA, no qual o léxico de conflito (operação, tiroteio, balas) funciona como gatilho para frames como BATALHA, AMEAÇA, RISCO e DISPUTA DE TERRITÓRIO. Segundo, Almeida (2023), esse tipo de formulação não apenas “descreve” um evento: ele impõe uma grade interpretativa em que a rotina comunitária é conceptualizada como rotina em zona de guerra e a vida social aparece sob o enquadramento de sobrevivência e exceção. Tal efeito é coerente com a noção de que a metáfora cria condições para “pensar-agir/falar-escrever” em termos do domínio-fonte, projetando seletivamente atributos (conflito, ameaça, luta) e organizando a experiência em um pacote cognitivo comunicável, como explicitado na discussão sobre domínios, frames e projeções.

Um ponto analiticamente forte, aqui, é que o frame INIMIGO não precisa aparecer lexicalizado como “inimigo” para estar operacional: ele é inferível pela estrutura argumental típica do discurso bélico (“operação” como ação institucional; “balas cruzadas” como cena de combate; “fecha escolas” como efeito colateral). Essa inferência é central para a Linguística Cognitiva: a metáfora não exige equivalência literal, mas ativa estruturas de conhecimento (frames) por meio de pistas lexicais e pragmáticas. Essa é uma leitura alinhada ao pressuposto de que a pesquisa se ancora em autores da tradição cognitiva e em debates contemporâneos que enfatizam a metáfora como operador epistêmico e político, articulando cognição, discurso e historicidade. Nesse sentido, a “guerra” é um esquema que reorganiza o papel de instituições, moradores, circulação e tempo (“amanhecer sob tiroteio”), gerando uma compressão conceptual do cotidiano.

Já em FAVELA É RESISTÊNCIA, as expressões “A favela resiste”, “Comunidade unida na luta por direitos” e “Maré de Notícias dá voz a quem nunca foi ouvido” explicitam uma mudança de focalização do evento para a agência. O domínio-fonte RESISTÊNCIA/LUTA, quando projetado sobre o domínio-alvo FAVELA, introduz frames como LUTA COLETIVA, FORÇA, PROTAGONISMO e MEMÓRIA HISTÓRICA, que reconfiguram o morador como como sujeito coletivo capaz de organização e reivindicação. Essa concepção é compatível com a ideia, afirmada no próprio texto, de que metáforas concorrentes podem reconfigurar o domínio-alvo a partir de valores positivos e contra-hegemônicos, ativando frames alternativos (por exemplo, luta coletiva, criatividade, memória e arte) que ressignificam a favela. Em termos de projeção, a resistência funciona como frame-matriz que agrega subframes (mobilização, liderança e voz) e permite novas inferências: se há luta por direitos, há também legitimidade, cidadania e horizonte de transformação.

A metáfora FAVELA É SONHO evidencia a dimensão imaginativa que o seu texto já descreve como indispensável ao processo de integração conceptual. A materialidade “Conheça os obstáculos de quem sonha em viver do futebol”, “O olhar da infância revela sonhos e desejos” e “Jovens da Maré projetam novos futuros” projeta o domínio-fonte SONHO/IMAGINAÇÃO sobre o domínio-alvo FAVELA e ativa frames como

DESEJO, FUTURO, ESPERANÇA e UTOPIA. O aspecto decisivo, aqui, é a estrutura linguística que acopla “sonho” a “obstáculos” e a “projetar futuros”: isso cria um espaço conceptual em que o sonho passa da ideia de escapismo e configura-se como planejamento e disputa de possibilidades de realizações. Como a própria discussão do artigo aponta, trata-se de uma metáfora que expande a cognição para além do mundo imediato e reintroduz a favela como *locus* de futuridade, reinvenção e desejo socialmente situado.

Em FAVELA É CULTURA, as expressões “Memorial Covid acolhe os enlutados por meio da arte”, “Projeto cultural fortalece identidades na Maré”, “A favela produz cultura” e “Arte como ferramenta de transformação” tornam explícito que o domínio-fonte CULTURA/PRODUÇÃO SIMBÓLICA estrutura o domínio-alvo FAVELA por meio de frames como ARTE, SABER LOCAL, MEMÓRIA e CRIAÇÃO. Um ganho analítico adicional é perceber que a materialidade linguística mobiliza verbos de agência e produção (“acolhe”, “fortalece”, “produz”, “transformação”), o que faz da cultura uma tecnologia social de cuidado, luto público, pedagogia comunitária e afirmação identitária. Essa leitura se articula diretamente ao argumento de que metáforas como resistência e cultura crescem como formas de ressignificação do território e de ativação cognitiva, deslocando o enquadramento do estigma para a produção local de conhecimento e memória coletiva.

Do ponto de vista mais estritamente teórico, o Quadro 1 também permite propor “novas projeções” (isto é, extensões inferenciais) para cada metáfora, mantendo a coerência com a distinção entre domínios, frames e elementos. Em GUERRA, por exemplo, além de BATALHA e AMEAÇA, emerge um frame de “SUSPENSÃO DA VIDA CIVIL” (fechamento de escolas e serviços), com elementos como interrupção de mobilidade, quebra de rotina e tempo social fraturado (“amanheceu sob...”). Em RESISTÊNCIA, pode-se detalhar um frame de “AUTOGOVERNO COMUNITÁRIO” (organização, liderança, voz), no qual a comunidade aparece como instância de gestão simbólica e política do território. Em SONHO, torna-se pertinente explicitar um frame de “PROJETO” (projetar futuros), distinguindo sonho como devaneio versus sonho como planejamento sob restrição. Em CULTURA, além de ARTE e CRIAÇÃO, há um frame de “CUIDADO/MEMORIALIZAÇÃO” (acolhimento do luto por meio da arte), que vincula cultura a políticas afetivas e a regimes de memória.

Com esse viés analítico, quando se lê o conjunto das quatro metáforas como sistema, o quadro 1 sustenta a tese de que a linguagem do *Maré de Notícias* funciona como instrumento de reconfiguração cognitiva do território: GUERRA evidencia a experiência de violência e a necessidade de denúncia; RESISTÊNCIA e CULTURA estruturam a reconstrução identitária e de alteridade e SONHO reinstala futuridade e utopia como dimensões cognitivas legítimas do viver periférico. Esse arranjo é compatível com a posição do texto de que a metáfora deve ser tomada como esquema de experiência com densidade política e epistêmica, capaz de organizar modos de existência e resistência.

Do ponto de vista afro-brasileiro, a análise dessas metáforas evidencia a continuidade histórica de práticas de resistência e de produção cultural originadas nas comunidades negras desde o período colonial. Quilombos, festas populares, saberes corporais e práticas artísticas históricas funcionam como antecedentes culturais que

atravessam gerações e são reinventados na Maré através da linguagem. Assim, a favela surge como um espaço de memória, aprendizagem e transmissão de saberes, nos quais a metáfora não é apenas um recurso linguístico, mas um mecanismo de preservação identitária e empoderamento social.

Nesse sentido, o *corpus* analisado mostra que a linguagem na favela é um instrumento ativo de transformação social, capaz de articular cognição, emoção, experiência corporal e história. As metáforas projetam domínios fonte (guerra, resistência, cultura e sonho) sobre o domínio alvo, que é a favela, criando um espaço conceitual híbrido, no qual experiências vividas, memória histórica e projeção imaginativa se encontram. Isso reforça a tese de que estudar o léxico de comunidades periféricas vai além do inventário vocabular: trata-se de compreender processos de significação complexos, na intersecção entre linguagem, sociedade, cognição e cultura afro-brasileira. O estudo dessas metáforas, portanto, contribui para uma visão contemporânea e crítica da linguística, capaz de valorizar variedades marginalizadas da língua portuguesa, reconhecer sua riqueza cognitiva e social, e evidenciar que a favela não é apenas um espaço de carência, mas um *locus* ativo de criação de conhecimento, cultura e memória coletiva.

Por fim, a integração entre a linguística cognitiva e os estudos sociais afro-brasileiros mostra que o léxico da favela é dinâmico, estratégico e criativo, articulando corpo, mente, sociedade e território. Através das metáforas, os moradores da Maré não apenas representam sua realidade; eles a reconfiguram cognitivamente, projetando sentidos de luta, cultura e sonho, capazes de desafiar estigmas e promover transformações sociais. Esse enfoque reforça a importância de estudar as variedades linguísticas marginalizadas, reconhecendo que elas constituem patrimônio cognitivo e cultural, tão sofisticado e significativo quanto as variedades de prestígio, e essencial para uma compreensão contemporânea e crítica da língua portuguesa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise desenvolvida neste artigo evidencia que a linguagem nas favelas do Complexo da Maré pode ser compreendida como uma instância complexa de cognição social, historicamente mediada e corporalmente experienciada. Ao longo do estudo, foi possível constatar que as metáforas encontradas, tais como “Favela é guerra”, “Favela é resistência”, “Favela é cultura” e “Favela é sonho”, funcionam como mecanismos de organização cognitiva e de tradução da experiência coletiva.

Sob a perspectiva da Linguística Cognitiva e da Teoria da Metáfora Conceptual de Lakoff & Johnson ([1980] 2002), tais metáforas são projeções estruturais em que domínios fonte concretos (guerra, resistência, cultura e sonhos) estruturam domínios alvo abstratos (a favela), enquanto espaço de vivência, experiência e ação social. Essa projeção não é meramente simbólica; ela constitui uma ferramenta cognitiva que organiza o pensamento, reforça identidades coletivas e permite a construção de sentidos que articulam passado, presente e futuro da comunidade.

Ao correlacionar o *corpus* do Jornal “Maré de Notícias” com a observação-participante do pesquisador, nota-se que o léxico da favela se constitui em um instrumento de reflexão crítica, capaz de evidenciar relações de poder, racismo estrutural e processos

históricos de marginalização. Em consonância com os postulados de Vilela (1994) e Biderman (1978), o léxico se mostra como um subsistema dinâmico, atravessado por fatores extralinguísticos (políticos, econômicos, sociais e culturais) que moldam constantemente seu uso e sua significação.

Nesse sentido, as metáforas não apenas descrevem a realidade, mas permitem sua ressignificação, transformando o espaço da favela em um *locus* de criação cognitiva, memória coletiva e produção de conhecimento. A análise temporal das metáforas revela um movimento progressivo: enquanto o período inicial (2009-2013) enfatiza a violência e a exclusão social, os períodos posteriores (2014-2022) registram uma emergência da resistência, da cultura e do sonho, demonstrando que a linguagem é capaz de modular, expandir e recriar a experiência social da comunidade.

Do ponto de vista epistemológico, este estudo evidencia que a investigação linguística, quando aliada a abordagens cognitivas e socioculturais, pode revelar dimensões do conhecimento que ultrapassam a gramática e o léxico em sentido estrito. A linguagem periférica, analisada aqui como objeto de estudo científico, cumpre um papel epistemológico ao permitir compreender como grupos historicamente marginalizados processam e traduzem cognitivamente sua realidade. A pesquisa, ao dialogar com a ciência cognitiva social, demonstra que o pensamento humano é corporificado e situado, que as práticas linguísticas emergem da interrelação entre mente, corpo, ambiente social e histórico, e que os sujeitos periféricos atuam como agentes epistemológicos de seu próprio conhecimento.

Além disso, a pesquisa se insere em uma perspectiva preliminar, que abre caminhos para estudos futuros. A coleta de dados ainda está em fase de ampliação, sobretudo quanto à análise da heterogeneidade da língua portuguesa em contato com variantes afro-brasileiras e com o português popular em outras regiões do país. Com base em Alves (2025a), a metodologia autoetnográfica, aliada à análise documental, revelou-se eficaz para compreender não apenas os usos linguísticos, mas também os mecanismos de significação coletiva, o dinamismo lexical e a interação entre fatores socioculturais e cognitivos. Estudos subsequentes poderão expandir a amostra temporal, incluir análises de outras mídias locais, entrevistas e observações intersubjetivas, possibilitando a triangulação dos dados e aprofundando a compreensão das estruturas mentais e linguísticas da comunidade.

A partir de uma perspectiva afrocentrada, a análise das metáforas da favela revela que a produção linguística das comunidades periféricas é uma manifestação histórica e cultural de resistência. Metáforas como “Favela é resistência” e “Favela é cultura” são herdeiras de práticas históricas de sobrevivência e luta, remontando às experiências quilombolas, às redes de solidariedade afrodescendente e às tradições culturais negras que resistiram à dominação colonial e à escravidão.

Essa dimensão anticolonial reforça a tese de que os moradores da Maré, mesmo sob estruturas de exclusão socioeconômica e racial, reconstróem cognitivamente sua realidade, articulando memória histórica, identidade negra e imaginação social. O léxico e as metáforas funcionam, nesse sentido, como instrumentos de preservação de saberes e de criação de futuros possíveis, constituindo formas de epistemologia de dentro, ou seja, produzida pelos próprios sujeitos historicamente silenciados.

Além disso, a pesquisa evidencia a importância de valorizar o léxico popular e afro-brasileiro como patrimônio cultural e cognitivo. Ao contrapor a narrativa hegemônica da favela como espaço de carência, as metáforas analisadas mostram que o território periférico é também um *locus* de conhecimento, criatividade e produção social, nos quais os sujeitos exercem agência, memória e imaginação. Essa perspectiva se conecta diretamente com os postulados da Lei nº 10.639/03, ao reconhecer e difundir a importância da História e Cultura Afro-brasileira na educação, e com a ideia de que a língua é também um instrumento de resistência cultural. Assim, o estudo contribui para o reconhecimento das favelas não como espaços de déficit, mas como territórios de saberes ativos, nos quais se dá uma epistemologia negra coletiva, que desafia a centralidade eurocêntrica positivista e cartesiana do conhecimento.

Nessa perspectiva, a integração entre epistemologia cognitiva, linguística social e perspectiva afrocentrada permite concluir que a variedade linguística das favelas da Maré é um exemplo vivo de como a cognição, a cultura e a história se entrelaçam para produzir sentidos complexos. As metáforas estudadas funcionam como mapas conceituais da experiência coletiva, articulando o passado colonial, a presença da cultura afro-brasileira e as projeções de futuro desejadas pelos moradores. Elas demonstram que a produção lexical e semântica nas comunidades periféricas é cognitivamente sofisticada, socialmente relevante e culturalmente resistente, oferecendo uma contribuição significativa para o estudo das línguas, da cultura afro-brasileira e da construção do conhecimento em contextos historicamente marginalizados.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. A. D. A ciência no Twitter e a construção ecológica do significado: inimigos, entre defesa e ataque, entre vitória e derrota, quando podemos viver pela metáfora da guerra. *Signo*, v. 48, p. 83-96, 2023.

ALVES, D. M. V. Tambolinguística e autoetnografia: possibilidade teórico-metodológica para o estudo das línguas de territórios pretos afrodiáspóricos. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, SP, v. 64, p. e025014, 2025. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8677198>. Acesso em: 13 dez. 2025a.

ALVES, D. M. V. Língua portuguesa em contato com línguas africanas: um estudo linguístico e africanista de comunidades negras da diáspora brasileira. *Revista África e Africanidades*, Dossiê Discursos, Memórias Negras e Esperança na América Latina e Caribe. Ano XVIII, nº 53, p. 232-248, maio 2025. Disponível em: [https://africaeaficanidades.com.br/documentos/Dossie\\_RAA\\_ed.53\\_maio\\_2025.pdf](https://africaeaficanidades.com.br/documentos/Dossie_RAA_ed.53_maio_2025.pdf). Acesso em: 13 dez. 2025b.

BIDERMAN, M<sup>a</sup>. T. C. *Teoria linguística: linguística quantitativa e computacional*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.

Censo Populacional da Maré / Redes da Maré. Rio de Janeiro: Redes da Maré, 2019.

CROFT, W.; CRUSE, D. A. *Linguística cognitiva*. Tradução por Antonio Benítez Burraco. Madrid: Akal, 2008.

HENRIQUES, C. C. *Léxico e semântica: estudos produtivos sobre palavra e significação*. Rio de Janeiro: AltaBooks, 2018.

KÖVECSES, Z. Levels of metaphor. *Cognitive Linguistics*, Berlin, v. 2, n. 28, p. 321-347, 2017.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. Coordenação de tradução Mara Sophia Zanotto. Campinas-SP: Mercado de Letras; São Paulo: EDUC, 2002 [1980].

MORELLO, R.; OLIVEIRA, G. M. de. Uma política patrimonial e de registro para as línguas brasileiras. Patrimônio. *Revista eletrônica do IPHAN*, Campinas, n. 6, jan./fev, 2007.

MOURA, H. M. M. Metáfora: das palavras aos conceitos. *Letras de Hoje*. v. 40, n. 139, p. 51-69, 2005.

SPIVAK, G. C. *Pode o subalterno falar*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

SWEETSER, E. *From etymology to pragmatics. Metaphorical and cultural aspects of semantic structure*. Cambridge: CambridgeUniversity Press, 1990.

VALENTE, A. C. Aspectos semânticos na linguagem midiática. In: HENRIQUES, Claudio Cezar. *Léxico e semântica: estudos produtivos sobre palavra e significação*. Rio de Janeiro: AltaBooks, 2018, p. 165-170.

VILELA, M. *Estudos de Lexicologia do Português*. Coimbra: Almedina, 1994.

**Recebido em: 31/10/2025**

**Aprovado em: 11/12/2025**

**Publicado em: 08/01/2026**